

RECENSÕES

PITKIN, Gary M., editor. *The National Electronic Library: a guide to the future for library managers*. Westport : Greenwood Press, 1996. 192 p. (ISBN 0-313-29613-8) Preço: US 55.00

Recensão elaborada por **Murilo Bastos da Cunha**, Professor Titular do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: murilobc@guarany.unb.br

A preocupação com o futuro é uma constante do ser humano. Nos bibliotecários essa preocupação é antiga, cada vez mais crescente na literatura profissional. A obra, editada por Gary M. Pitkin, diretor da biblioteca da *University of Northern Colorado* (EUA), reúne doze capítulos escritos, em sua maioria, por diretores de bibliotecas universitárias norte-americanas. O propósito da obra é focar a atenção no “que temos sido, naquilo que somos e naquilo que devemos ser. O ‘nós’ é definido tanto como bibliotecas e bibliotecários, num processo de examinar o passado e o presente com o objetivo de conhecer um futuro de sucesso” (prefácio, p. vii). Examina-se, sob as perspectivas históricas e teóricas, a evolução da *National Electronic Library* (NEL, Biblioteca Eletrônica Nacional) definindo o que já foi feito até agora e avaliando sua situação atual no cenário norte-americano. Para retratar essas realidades os autores foram solicitados a abordarem quatro questões básicas. São elas: 1) É a biblioteca uma instituição duradoura? 2) São as bibliotecas, como prédios, necessárias? 3) O que é a *National Electronic Library*? 4) Como o conteúdo se relaciona com a *National Information Infrastructure* (Infra-estrutura Nacional de Informação)?

Para facilitar o entendimento das quatro questões acima a obra foi dividida em dois blocos. O primeiro, com cinco capítulos, intitula-se “The National Electronic Library”; o segundo, com sete capítulos, é denominado *Facilities, services and planning in the revolutionized environment*.

O primeiro capítulo (p. 3-16), de autoria de Joy R. Hughes e Karyle S. Butcher, da Oregon State University, intitulado *The National Electronic*

Library: the environment personified, aborda as funções da NEL, os diversos modelos que poderão ser seguidos para a sua implantação e as barreiras que deverão ser enfrentadas. As autoras enfatizam que as “bibliotecas devem doar quantidades significativas de recursos humanos e financeiros para tornar disponíveis seus materiais para outras bibliotecas na expectativa de que o valor agregado ganho ultrapasse os custos” (p.14). Ressaltam também a necessidade de “se encontrar a coragem de retirar pessoal técnico e verbas da coleção tradicional e realocá-los em projetos cooperativos de bibliotecas eletrônicas” (p. 15).

Alan N. Charnes, diretor do *Colorado Alliance of Research Libraries* (CARL), foi responsável pelo segundo capítulo denominado *Consortia and the National Electronic Library* (p. 17-32). Aí são abordadas as vantagens advindas da introdução do modelo de consórcio nos empreendimentos cooperativos, realizados nos Estados Unidos, na área de informação. Assim, para esse autor, a NEL deverá ser fundada com a contribuição de centenas de grupos, associações, alianças e esforços cooperativos. Além disso, afirma que a idéia é irreversível e que as experiências vitoriosas de consórcios devem ser seguidas.

Com o título *The academic institution and the National Electronic Library*, Thomas M. Peischl, diretor dos Serviços de Informação da *Northern Michigan University*, foi responsável pelo terceiro capítulo (p. 33-48). Neste capítulo apresenta-se uma visão crítica da universidade em relação ao futuro da informação. Para muitos reitores, a biblioteca de hoje representa um “centro de serviço de alto custo no qual as despesas estão continuamente subindo numa proporção maior do que a inflação e onde o futuro é tão claro como lama” (p. 34)! Essa afirmativa é comprovada por um excelente gráfico (p. 36) onde se visualiza o crescimento crescente dos materiais bibliográficos no período compreendido entre 1986-1994. Essa situação é bastante preocupante porque “as bibliotecas têm sido instituições de alta utilização de mão-de-obra e parece que, no futuro, continuará como tal. Em lugar de eliminar a necessidade de bibliotecários ou profissionais de informação, a tecnologia atual requer profissionais bem treinados para que os usuários sejam adequadamente servidos” (p. 38). Assim, segundo o autor, “a biblioteca tradicional terá um papel menor nesse novo processo de tecnologia de informação. (...) Se o futuro da informação é digital, a universidade precisará somente de digitalizar a

coleção impressa e adquirir estações de trabalho. (...) [Portanto] Não é uma questão se a mudança está vindo. A questão é saber em que parte a biblioteca tradicional e atual bem como os futuros bibliotecários participarão na transformação do processo de ensino no *campus*" (p. 40).

O quarto capítulo, de autoria de Agnes M. Griffen, diretora das bibliotecas do município de Montgomery (Maryland), aborda o papel das bibliotecas públicas num cenário de informação digital. Para a autora é necessário "reinventar a biblioteca pública como uma empresa virtual e prover acesso a todos os cidadãos, tanto num lugar físico, como no espaço cibernético" (p. 61). Nessa "reinvenção" o prédio da biblioteca sofrerá modificações, serão utilizados serviços terceirizados para a organização dos acervos; com a automação em alta escala o quadro de pessoal técnico será menor, porém, mais qualificado.

O ensino de biblioteconomia e ciência da informação foi analisado, no quinto capítulo, por Faye N. Vowell, diretora da escola de biblioteconomia da *Emporia State University* (Kansas, US). Neste capítulo são apontadas as modificações que possivelmente ocorrerão na preparação do futuro profissional. Sugere que os materiais curriculares deixarão de ser predominantemente textuais com a incorporação de imagens e símbolos. Com a biblioteca digital, a provisão de serviços será uma parte importante na tarefa do novo profissional. Assim, serão vitais os conhecimentos relativos aos aspectos da necessidade e do uso da informação. Além disso, "a combinação da teoria com cursos tais como análise das necessidades de informação, fontes básicas de informação, reempacotamento da informação e busca em linha permitirão aos estudantes adquirir e aplicar os conhecimentos teóricos e analíticos" (p. 76).

Delmus E. Williams, diretor das bibliotecas da *University of Akron*, comenta, no sexto capítulo (p. 85-97), a reengenharia necessária para adaptar os atuais prédios de bibliotecas às novas necessidades acadêmicas. Tradicionalmente, uma das preocupações dos diretores de bibliotecas universitárias era a criação de novos espaços para abrigar a crescente coleção. Com as bibliotecas digitais essa preocupação é amenizada. Entretanto, novas preocupações surgem: a necessidade do usuário ser conectado a uma grande variedade de recursos informacionais, e novas e diferenciadas tecnologias de informação. Além

disso, nesse novo cenário ocorrerão mudanças no fluxo das rotinas. Por exemplo, a circulação agora deverá estar próxima da comutação bibliográfica visando facilitar o acesso ao documento por parte do usuário. Outros setores do prédio, tais como iluminação, cabeamento elétrico, paredes, monta-carga e mobiliário também sofrerão mudanças.

A visão do arquiteto está incluída no sétimo capítulo (p. 99-124), de autoria de Craig Hartman, John Parman e Cheryl Parker. Os autores, todos arquitetos, mostram que a biblioteca sempre esteve envolvida num processo de mudança. No futuro, as áreas para serviços-meio deverão ser menores, ao passo que aquelas ligadas aos serviços-fim sofrerão grande expansão. Os autores comentam diversos projetos arquitetônicos recentes de novas bibliotecas e as soluções encontradas para acomodar o crescente uso de novas tecnologias de informação.

O desenvolvimento de coleções na era digital foi analisado no capítulo oitavo (p. 125-137). De autoria de Johannah Sherrer, do *Lewis and Clark College*, o texto aponta que a "revolução tecnológica apresenta à administração bibliotecária uma oportunidade de aprimorar as atividades de desenvolvimento de coleções. (...) Agora é tempo, entretanto, de avançar além de como os sistemas bibliotecários adquirem e processam os materiais e começar a integração das fontes eletrônicas nas nossas coleções e serviços" (p. 125). Aqui, também, a autora enfatiza a necessidade de cooperação entre as bibliotecas de todos os tipos, transformando, assim, a comutação bibliográfica num importante elemento para o desenvolvimento de coleções.

Os serviços ao público constam do capítulo nono (p. 139-145). Desenvolvido por David F. Kohl, da *University of Cincinnati*, esta parte mostra que "a realidade emergente não é de uma biblioteca individual (...) mas um mosaico de bibliotecas e coleções reunidas numa rede automatizada transparente, de provisão de serviços e acordos de cooperação. A biblioteca local, ao invés de ser a coleção primária de recursos e serviços informacionais, se transforma no portal de uma grande biblioteca virtual e chave para a construção de uma grande entidade virtual" (p. 139). Nesse novo cenário, novas atividades relacionadas com o atendimento ao usuário serão criadas e, provavelmente, as atuais sofrerão mudanças.

RECENSÕES

Gary M. Pitkin, editor da obra, escreveu o penúltimo capítulo que trata do planejamento estratégico e alocação de recursos. O autor comenta o planejamento estratégico adotado na *University of Northern Colorado*.

O último capítulo (p. 169-177), escrito por Robert C. Heterick Junior, presidente do EDUCOM, tem um provocativo título: "São as bibliotecas necessárias nesse ambiente revolucionário?" Discutindo os papéis desempenhados pelas bibliotecas, principalmente as universitárias, o autor comenta os papéis que as bibliotecas devem desempenhar nesse novo ambiente digital, focalizando, principalmente, aqueles ligados ao desenvolvimento de coleções e ao acesso à informação.

A obra inclui também uma bibliografia seletiva e um índice de assunto e autores. É um texto que inclui uma grande variedade de tópicos, servindo, portanto, para uma ampla audiência de leitores. Apesar da ênfase ter sido em bibliotecas universitárias, tal fato não diminui seu interesse para os especialistas em outros tipos de bibliotecas – vale a pena lembrar que, no ambiente digital, as diferenças entre tipos e tamanhos de bibliotecas serão menores dos que as vigentes atualmente. Para o público brasileiro é um excelente guia que será muito útil na construção das nossas futuras bibliotecas digitais.